UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto n°17.228 de 25/11/2016
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2021

Mundo e natureza em Heidegger

Maricélia Mendes da Silva Ito[1] Professor Laurenio Leite Sombra[2]
1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduanda em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: celiaito@gmail.com:
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana,
e-mail: lausombra@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Heidegger; mundo; natureza; terra; quadratura

INTRODUÇÃO

No presente resumo, apresento os resultados alcançados na execução da pesquisa "Mundo e natureza em Heidegger", viabilizada pelo fomento da bolsa de Iniciação Científica na modalidade PIBIC/CNPq. A partir da obra *Ser e Tempo* (2004), contrapondo o que nos foi legado pela tradição metafísica ocidental, a concepção heideggeriana de natureza resgata parte do sentido originário que os pensadores pré-socráticos atribuíram ao termo *physis* (φύσις), que corresponde a uma visão de natureza como totalidade que se ergue na plenitude da sua vigência, que de si e por si emerge. A concepção de natureza como "presença constante" postulada pela metafísica grega atravessa toda a história do ocidente e ganha força na modernidade com a ideia cartesiana de *res extensa*, consolidando uma visão objetificada [objetificadora] da natureza como passível de mensuração, reduzindo-a a mero objeto de manipulação a serviço do sujeito do conhecimento. Ao percorrer a história acontecida do ser desde o dualismo platônico, Heidegger propõe retomar a pergunta originária do sentido do ser, esquecida pela metafísica moderna ocidental. Ao criticar a dicotomia cartesiana, Heidegger se posiciona contrário ao modo como a ciência e a técnica da modernidade foi destituindo o sentido originário de natureza, consolidando um tipo de estrutura de pensamento (*Ge-stell*) que a fixa como reserva permanente de matéria-prima, disponível ao uso (e abuso) do homem. Assim, o pensamento metafísico moderno nos coloca numa história continuada do esquecimento, pela impossibilidade de se pensar o ser sem considerar a história acontecida do ser. O processo de constituição do pensamento ocidental funda um modo de lidar com a natureza como algo que não se revela espontaneamente, mas que é violado, dominado e explorado a partir de teorias prévias que a pré-concebem. Essa herança metafísica permanece no nosso modo contemporâneo de pensar e lidar com a natureza, apontando para o atual cenário de crises ambientais, cada vez mais recorrente no mundo contemporâneo, aprofundando o estado de degradação da própria natureza e da vida humana. Neste relatório apresento os resultados decorrentes da investigação acerca do sentido de mundo e natureza

na concepção de Martin Heidegger, tentando apontar bases filosóficas que podem ajudar a vislumbrar essas questões.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Esse resumo expandido se relaciona ao plano de trabalho vinculado a uma pesquisa de natureza bibliográfica e conceitual, cuja tarefa central consistiu numa consulta sistemática aos escritos de Martin Heidegger, bem como aos escritos de comentadores relacionados ao plano de trabalho. Iniciamos o presente estudo a partir das seguintes fontes primárias: Na obra *Ser e Tempo* (2004) – que corresponde à primeira fase do pensamento heideggeriano – investigamos a proposta de desconstrução da tradição metafísica moderna, percorrendo o caminho histórico em que Heidegger descreve as diversas formulações de mundo/natureza. Na sequência, analisamos suas obras tardias: em *Introdução a Metafísica* (1978), identificamos os elementos de reconstrução da metafísica e a ideia de natureza como presença constante; em *A origem da Obra de Arte* (2010), estudamos as concepções de Terra (*physis*) e Mundo; em *Construir, Habitar, Pensar* (2012), analisamos a crítica heideggeriana acerca das condições de habitabilidade humana no mundo, frente à degradação do meio natural causado pela exploração tecnocientífica do mundo moderno; Em *Explicações da poesia de Holderlin* (2013), analisamos no poema "Assim como em dia santo" a noção do "combate" essencial que reúne Terra/mundo na unidade geradora do auto-emergir de todas as coisas. Como fontes secundárias, recorremos às obras *Habitar a terra. Heidegger, ética ambiental e a metafísica da natureza* (Foltz, 2000); "Heidegger e a questão da técnica: como habitar poeticamente a terra na era tecnológica" (Kronbauer, 2015); *Temporalidade, Acontecimento-Apropriador, Quadratura: O nexo ontológico entre tempo e espaço em Martin Heidegger* (Sombra, 2015).

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

No projeto desenvolvido na obra *Ser e Tempo* (2004), Heidegger se dedica à tarefa de desconstrução da tradição metafísica moderna por meio de um processo de investigação que focaliza a origem dessa tradição e o modo com o qual ela vai se tornando uma questão aguda para a filosofia moderna, colocando o homem em uma espécie de abismo entre o mundo fático histórico-cultural e as questões ontológicas, distanciando-o da visão originária de natureza e dando lugar a um pensamento metafísico que nos liga a Descartes e, mesmo mais longe, a Platão. Contrário à concepção de um mundo humano apartado da natureza, Heidegger pensa a condição humana de ser já sempre lançado no mundo (ser-no-mundo), como clara evidência de uma compreensão prévia de mundo, determinante da nossa visão de natureza (Sombra, 2015). A ideia originária de "natureza" – fundada na autoemergência e no recolhimento – começa a ser alterada a partir da filosofia platônica que, embora conserve o vínculo do sentido do ser com a *physis* e com o desvelar da verdade (*aletheia*), atribui sua essência a algo exterior, inessencial. Nesse sentido, a *physis* é reduzida a mero simulacro de uma realidade essencial situada no mundo inteligível, fazendo parte do mundo sensível ao qual nem o homem nem as "ideias" pertencem totalmente (Foltz, 2000). Nesse sentido, o mundo passa a ser algo que apenas espelha a realidade perfeita e imutável do mundo ideal. O dualismo platônico lança as bases do que depois viria a ser a metafísica, a ciência que estuda o ente enquanto ente, e como tal alcança os princípios mais remotos e as causas últimas da realidade. No mundo medieval, o termo grego *physis*, traduzido para o latim *natura*, marca o início do processo de "desnaturação" em que a natureza passa a ser uma criação divina que, submetida aos desígnios de um Deus criador e centro de referência do ser, é plena atualidade (Foltz, 2000).

Essa perspectiva reforça a ideia de "presença constante" oriunda da metafísica grega. Ao rejeitar o papel ativo da ausência, peculiar à *physis* originária, a metafísica medieval estabelece as bases sobre as quais a ciência moderna se funda. Na modernidade a natureza deixa de ser criação

divina e passa a ser uma mera representação do sujeito do conhecimento. A ideia cartesiana de *res extensa* – que diz respeito a tudo aquilo que é claro e distinto no mundo material – corresponde ao objeto (*objectum*), sempre em contraposição à *res cogitans* (*subjectum*), e, como tal, pode ser mensurada e traduzida em uma linguagem matemática. Assim, o homem passa a ser visto como a substância pensante que produz verdades. Isso significa que a base de sustentação do conhecimento já não diz respeito ao *hypokeimenon* grego ou ao *subjectum* medieval, mas ao *cogito*. Com a transformação do homem em *sujeito* do conhecimento, tudo o que ele lida passa a ser objeto, ou seja, já não diz respeito a uma revelação da verdade como *alheteia*, e sim à certeza indubitável. Nesse sentido, o mundo passa a ser objeto do pensamento e da ação humana. A dicotomia cartesiana sujeito/objeto, que reduziu a natureza à mera condição de objeto manipulável pelo sujeito do conhecimento, estrutura o pensamento técnico e científico da era contemporânea. Assim, o pensamento técnico-científico moderno vê a natureza no âmbito da experiência de acontecimentos que se dão segundo certas constantes, chamadas metaforicamente de "leis". (Foltz, 2000). Para Heidegger, a produção e o consumo tecnológico acabam transformando a posição do homem moderno, antes senhor da natureza, em objeto de sua própria atividade técnica.

Após a virada (*Kehre*), o pensamento heideggeriano se volta a outras possibilidades de pensar o ser. (Sombra, 2015). Ao reposicionar a ideia aristotélica de *physis*, a natureza deixa de ser entendida como um modo de ser e passa a ser o próprio "processo" de ser. Heidegger aborda o conceito de terra como uma espécie de instância que se vincula a essa dinâmica própria da *physis* grega, envolvendo dois aspectos fundamentais em jogo: o âmbito do mundo e o âmbito da terra. Em *A origem da Obra de Arte* (2010), ao vincular a palavra *terra* ao sentido de um solo sobre e com o qual o homem vive uma relação de co-pertecimento, Heidegger recusa qualquer ideia "autônoma" (ou idealista) de mundo, que se mostraria destituído de uma concretude. Ao contrário da ideia cartesiana de um sujeito em contraposição ao "objeto", a terra elabora uma "clareira" e desvela o mundo. Nessa perspectiva, a concepção de terra é pensada em uma dinâmica mais originária, que remete à ideia heideggeriana de *physis* a partir do jogo de velar [acolher] e desvelar [mostrar] da verdade do ser. O combate entre esses opostos (terra e mundo) se dá de modo que um elemento se retrai para que o outro apareça, ou seja, a ausência de um dos elementos é a possibilidade da aparição do outro. Essa dinâmica, aqui compreendida como o "combate essencial" entre mundo e terra, remete à contínua luta através da qual um mundo é forjado e edificado sobre a terra. (Heidegger, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor uma desconstrução da história da metafísica ocidental desde sua origem, Heidegger (2004), não se atém apenas ao fato de que toda época marca metafísicamente um modo de ver o mundo. Aqui, a questão central diz respeito ao modo como essa estrutura de pensamento se torna consumada na visão contemporânea de natureza. A partir da modernidade, a ciência e a técnica reduzem a ideia originária de natureza a um meio para atingir um fim. (Foltz, 2000). No mundo contemporâneo, a ideia de natureza, destituída do sentido de auto-gestar-se da *physis* originária, é subordinada a uma espécie de engrenagem (*Ge-stell*) que diz respeito a uma estrutura inventiva condicionante que essencializa tudo o que por ela é tocado, sustentando um determinado modo de pensar (Kronbauer, 2015). Ao abordar a crise ambiental, Heidegger (2012) refere-se a algo que se instala a partir do pensamento metafísico moderno, configurando o modo de pensar e agir do próprio homem. Desde então, as crises se sucedem e refletem todo o alcance do pensamento da tradição metafísica ocidental no modo como nos relacionamos com a natureza. Nesse sentido, atribuir o atual cenário de degradação ambiental a meras ações tecnológicas significa minimizar a questão, reduzindo-a a uma ética ambiental. A partir de Heidegger, é preciso refletir esse modo de habitar o

mundo, visando alcançar novas condições de habitabilidade, frente à degradação do meio natural causado pela exploração tecnocientífica.

REFERÊNCIAS

FOLTZ, B. V. *Habitar a terra. Heidegger, ética ambiental e a metafísica da natureza.* Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. 2 ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro; Brasília, Universidade de Brasília, 1978.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo***.** Tradução de Márcia Sá Cavalcante. Ed. Vozes. Petrópolis 2004.

HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte***.** Tradução: Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. Lisboa: Edições 70, 2010.

HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. In. *Ensaios e Conferências*. Tradução Emmanuel C. Leão, Gilvan Foge, Márcia Sá C. Schuback. 8 ed. Editora Vozes; Petrópolis, 2012.

HEIDEGGER, Martin. Assim como em dia santo, In. *Explicações da poesia de Holderlin*. Trad. Cláudia Pellegrini Drucker. Ed. Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

KRONBAUER, L. Gilberto. *Heidegger e a questão da técnica: como habitar poeticamente a terra na era tecnológica*. Thaumazein, Ano VII, v. 8, n. 16, Santa Maria, p. 25-38, 2015.

SOMBRA, L. Laurenio. *Temporalidade, Acontecimento-Apropriador, Quadratura: O nexo ontológico entre tempo e espaço em Martin Heidegger*. Tese de doutorado apresentada ao programa do Pós-graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015.